ESTADO DE SÃO PAULO

Sergio Borges

Os problemas de Brasília serão discutidos até o dia 24 no simpósio que foi aberto ontem

Brasília, um "buraco sideral"

BRASILIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney comparou o Distrito Federal a "um buraco negro sideral", que absorve todas as energias a sua volta, em discurso que foi lido ontem, em nome dele, pelo ministro do Desenvolvimento Urbano, Deni Schwartz, no simpósio "Brasília: concepção, realidade, destino".

Para o presidente da República é necessário que se tomem providências para "enfrentar a ocupação de espaço e desequilíbrio demográfico", que, na opinião dele, vem caracterizando o aumento populacional do Distrito Federal. No discurso, lido no simpósio, ele destacou ser preciso humanizar os espaços já ocupados e nos que estão vazios fixar o homem ao campo, através do programa de reforma agrária e com reforço das pequenas e médias cidades.

O encontro, organizado pelo Ministério do Desenvolvimento Urbano em conjunto com o governo do Distrito Federal e a Universidade de Brasília, pretende elaborar, quando da sua conclusão, dia 24, documento em que sejam consolidadas propostas para os problemas urbanos da Capital Federal.

Contribuirão para a discussão dos temas, os ministros da Fazenda, Dílson Funaro, do Gabinete Civil, Marco Maciel, da Justiça, Paulo Brossard, do Desenvolvimento Urbano, Deni Schwartz, do Interior, Ronaldo Costa Couto, dos Transportes, José Reinaldo Tavares. Durante o painel de debates desse primeiro dia do simpósio, o coordenador do encontro, professor José Carlos de Figueiredo Ferraz, identificou "o inchamento desordenado dos grandes centros brasileiros como integrado ao desenvolvimento nacional. Em sua opinião, é necessário buscar melhores condições de vida para o homem do campo para atender às discrepâncias regionais.

Para o reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, "pensar Brasília e ordenar a imaginação do futuro, é lutar pelo futuro de Brasília e lutar pelo futuro nacional".

Na previsão do governador José Aparecido, há o perigo de Brasília se tornar ingovernável se forem concretizadas as previsões da Organização das Nações Unidas de que Brasília terá, no ano 2000, cerca de quatro milhões de habitantes.

Autor do artigo

O autor do artigo "Brasília: concepção, realidade, destino", publicado na página 27 da edição de domingo, é o ex-prefeito de São Paulo, José Carlos de Figueiredo Ferraz. Por uma falha técnica, as iniciais saíram J.G. em vez de J.C.

O ministro Deni Schwartz leu o seguinte discurso do presidente José Sarney:

"Senhoras e senhores,

Tenho a honra de abrir aqui este simpósio de reflexão sobre o destino e os problemas urbanísticos e sociais de Brasília e das grandes cidades brasileiras, concebido pelo governador José Aparecido e organizado pelo professor Figueiredo Ferraz.

Entre os grandes problemas do Brasil de hoje, desafios que governo e sociedade têm de enfrentar unidos, a ocupação do espaço pelo homem sobressai, por ser tão gigantesco em suas tendências mais dramáticas: o desequilíbrio demográfico, a destruição da qualidade de vida, o custo desmesurado da administração urbana.

A cidade brasileira hoje funciona como os 'buracos negros' siderais, suga o universo à sua volta, acumula uma energia indomada e destruidora.

Brasília, cidade de sonho e de esperança, representou, há um quarto de século, o lançamento de uma aventura exploradora, a comprovação de nossa capacidade de romper as tendências negativas e criar forças renovadoras. Com ela, pela iniciativa de Juscelino Kubitschek, deu-se o passo decisivo na ocupação do vazio demográfico que era o interior do Brasil, passo já tido como necessário pelos fundadores da Nação e hoje precisando ser complementado. Com ela, através de Lúcio Costa, também se rompeu, numa aventura poucas vezes repetida, a lenda de que a cidade inventada pelo homem não é adequada à vida social; o preconceito quanto à capacidade do homem de saber ordenar e qualificar o seu espaço. Brasília é um exemplo mundial de qualidade de vida, e os brasilienses não se acostumam em outras cidades. Com ela, pelas mãos de Oscar Niemeyer, pudemos retomar a criação da beleza que nossos antepassados haviam registrado em nossas cidades, de São Luís a Ouro Preto, marcando sua presença indelével na história da nossa cultura.

Mas Brasília, hoje, como as outras cidades brasileiras, é vítima de pressões enormes, de problemas que se acumulam devido a um crescimento muito maior que o previsível: hoje, com as cidades de seu entorno imediato, ela tem mais de três vezes os 500 mil habitantes previstos. E poderá contar, segundo dados da Organização das Nações Unidas, quatro milhões de habitantes no ano 2000.

O gigantesco esforço de construir Brasília, obra de quem acreditava em nosso país e em nosso povo, visava à integração nacional, estimular o desenvolvimento de imensa e deserta área, criar uma região geoeconômica sólida, redistribuir regionalmente as riquezas do País, e até mesmo — razão de segurança da Capital — fugir do histórico atrelamento do desenvolvimento ao litoral. "País de caranguejos", chegou a chamar o Brasil um historiador do século passado, pela ausência, até então, de esforço nacional integrado, coerente e permanente de penetração sócio-econômica do País.

No entanto, somente parte daqueles objetivos foram alcançados.

O desenvolvimento regional ficou aquém do previsto, e juntou-se o drama urbano a um relativamente fraco desenvolvimento regional, repetição do que ocorria no resto do País.

O plano-piloto foi concebido para enquadrar-se em outro planejamento, o de área das cidades-satélites, e entorno de Brasília, mas, ao contrário, as cidades-satélites e a área do entorno foram deixadas ao apetite livre da exploração urbana. Não havendo cidades e áreas planejadas que protegessem e direcionassem o fluxo humano e o desenvolvimento, protegendo Brasília, este foi feito tendo a cidade como pólo de superatração.

Hoje é necessário criarem-se condições para que seja atenuado pelo menos o ritmo de crescimento desequilibrado, e que seja replanejada toda a área em que se encontra o Distrito Federal, a fim de que muito em breve não tenhamos favelas invadindo o sonho de Dom Bosco.

Há que equacionar os problemas, examinar as alternativas e implementar as soluções. Mas os problemas de Brasília são um reflexo do problema maior do conjunto de cidades brasileiras.

De 1940 a 1980 nossa população cresceu de 40 milhões para 120 milhões de pessoas. De 28 milhões para 38 milhões de habitantes no campo, e de 12 milhões para 80 milhões nas cidades: 500% de aumento da população urbana representava 31%; em 1980, 67%.

São números que mostram um crescimento muito acelerado. Mas não seriam tão graves se não correspondessem a fenômenos sócio-econômicos e culturais dramáticos: neste período de tão imenso crescimento urbano caiu de 41% para 16% a participação das cidades de menos de dez mil habitantes na distribuição da população urbana; e a defasagem regional é de tal ordem que, embora as taxas de incremento anual das regiões Centro-Oeste e Norte sejam bem maiores que a média nacional, sua presença na população total passou, neste 40 anos, de 6% para ainda apenas 11%. A concentração atrai cada vez mais concentração; quer nacional, quer regionalmente.

O resultado prático é a degradação da qualidade de vsda urbana. A pobreza e o abandono no Interior são substituídos, nas cidades, pela degradação do ser humano. Violentado na sua estrutura cultural, despreparado para as atividades produtivas dos setores secundários e terciários, marginalizado desde o primeiro instante, o migrante é a primeira vítima da armadilha perversa. Ele é a massa que alimenta a injustiça social, o caos urbano, a desorganização econômica.

É um dos compromissos da Nova República a busca da Justiça Social. E a grande Justiça Social no Brasil passa pela solução do problema demográfico, pelo problema da distribuição do homem e da civilização por nossas imensas terras. Teremos de ocupar os espaços vários. Humanizar os já ocupados. Resolver os problemas estruturais das grandes cidades. Enfrentar o problema da moradia saudável para todos. Fazer reforma agrária, para reestruturar a produção agrícola, fixando o homem sadiamente em sua terra, dando-lhe o sonho, a perspectiva da construção do futuro com as próprias mãos.

Essa ampla correção estrutural, feita talvez mais pela sociedade que pelo governo, passa também por um reencaminhamento das migrações: que elas se voltem para as novas fronteiras agrícolas, onde terra arada e produzindo, e não armas e cercas de arame, deve esperar os homens.

Mas, para isso tudo, devemos ter esperança e devemos ter ideias claras. O País sabe que não quer se alojar doentiamente em apenas dois ou três pontos poluídos.

Sabemos que queremos uma vida saudável, em paz com os bichos, com as plantas e com nossos vizinhos. Com a natureza, porque o Brasil é a própria natureza. Com nossos vizinhos, porque somos pacíficos.

Para termos isso, para construirmos o Brasil próspero e socialmente justo do futuro, o Brasil livre, rico e fraterno, temos de reforçar nossas pequenas e médias cidades.

Cidades que sejam ainda intimamente ligadas ao campo, verdadeiras agrovilas, ainda muito voltadas para a produção agrícola. Mas tendo eletricidade, boas estradas, educação, apoio sanitário, bancos, fábricas de beneficiamento dos alimentos.

Na ocupação do espaço, o homem precisa agir com grande antecedência, definindo seus objetivos e caminhos. Ao pensar no futuro de Brasília, analisando seu passado e seu presente, está-se pensando no futuro do Brasil. Brasília é, e continuará sendo, um símbolo de novos caminhos, de novas esperanças. Sonho e realidade que se abrirão para todos os brasileiros, na cidade e no campo, no Norte e no Sul, num Brasil melhor.

O dr. Constantinos Doxiadis, o grande humanista e urbanista grego, afirmou que, entre a distopia — o mau lugar, o lugar que existe para todo lado — e a utopia — o lugar ideal, o lugar inexistente — devemos escolher a entopia — o lugar possível.

Brasília é, e deve continuar a ser, e a ser cada vez mais, um destes lugares onde se harmonizam o sonho e a realidade. Brasília deve ser o modelo a ser seguido, não em sua solução urbanística e arquitetônica, atendendo tão especificamente as suas necessidades, mas em sua coragem de enfrentar preconceitos, em sua humanidade, em seu equilíbrio. Muito obrigado."